

ISSN 1516-9162

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Nº 28 – Abril – 2005

a masculinidade

ISSN 1516-9162

**REVISTA DA ASSOCIAÇÃO
PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE**
EXPEDIENTE
Publicação Interna
Ano XIII - Número 28 - abril de 2005

Título deste número:
amasculinidade

Editor:
Lúcia A. Mees e Valéria Rilho

Comissão Editorial:
Inajara Amaral, Lúcia Alves Mees, Marieta Rodrigues,
Otávio Augusto Winck Nunes, Siloé Rey e Valéria Machado Rilho

Colaboradores deste número:
Marta Pedó

Consultoria Lingüística:
Dino del Pino

Capa:
Cristiane Löff

Linha Editorial:

A Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre é uma publicação semestral da APPOA que tem por objetivo a inserção, circulação e debate de produções na área da psicanálise. Contém estudos teóricos, contribuições clínicas, revisões críticas, crônicas e entrevistas reunidas em edições temáticas e agrupadas em quatro seções distintas: textos, história, entrevista e variações.

**ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE**

Rua Faria Santos, 258 Bairro: Petrópolis 90670-150 – Porto Alegre / RS
Fone: (51) 3333.2140 – Fax: (51) 3333.7922
E-mail: appoa@appoa.com.br
Home-page: www.appoa.com.br

R454

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE / Associação
Psicanalítica de Porto Alegre. - n° 28, 2005. - Porto Alegre: APPOA, 1995, ----.
Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Semestral

ISSN 1516-9162

1. Psicanálise - Periódicos. | Associação Psicanalítica de Porto Alegre

CDU: 159.964.2(05)
616.89.072.87(05)
CDU: 616.891.7

Bibliotecária Responsável: Ivone Terezinha Eugênio
CRB 10/1108

a masculinidade

SUMÁRIO

■ EDITORIAL.....	07	Feminino ⇄ Masculino: Acesso ao Gozo. Por que Tirésias não é Schreber?	93
■ TEXTOS		Adão Costa	
<i>Único no gênero</i> – vicissitudes da histeria masculina	09	■ RECORDAR, REPETIR, ELABORAR	
Lucy Linhares da Fontoura		O duplo sexo do ser humano.....	99
O espelho e os homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje.....	16	Georg Groddeck	
Izabel Marazina		■ ENTREVISTA	
O que elas falam deles	23	A fantástica igualdade dos sexos ...	107
Rosane Monteiro Ramalho		Ricardo Goldenberg	
O caso de UM não tão jovem homossexual	31	■ VARIAÇÕES	
Elaine Starosta Foguel		Notas sobre a transmissão da diferença	113
Travesta	39	Simone Moschen Rickes	
Andrea Menezes Masagão		O filme <i>Clube da Luta</i> : produção ensandecida de masculinidades	121
Para ser um guri: espaço e representação da masculinidade na escola	49	Miriam Chnaidermann	
Ieda Prates da Silva		Estéticas da anatomia, ficções da diferença: uma quase resenha	130
Ex-Pai	61	Lucia Serrano Pereira	
Ana Laura Giongo		À procura do π (a) i	143
Entre mito e complexo: o que vale o pênis no século XXI	71	Ligia Gomes Victora e Ricardo Vianna Martins	
Jaime Betts			
O rei está morto, viva o psiquiatra! Dispositivos de poder, psicanálise e loucura	86		
Analice de Lima Palombini			

A civilização, nas suas mais diversas variantes, tem se estruturado em torno de representações fálicas. Pais criadores e cultos totêmicos constituíram o pivô das crenças sobre as origens e a garantia da continuidade humana. Ao longo dos tempos, foi encomendado aos homens, e não às mulheres, a representação, a vigilância, a preservação e a proliferação desse tesouro simbólico. As mulheres podiam ser importantes sacerdotisas, deusas até, mas a eles cabia encarnar e executar a lei e a ordem de toda e qualquer cosmogonia.

Durante milênios, os homens foram lançados aos campos de batalha, para provar a glória dos impérios, a honra das etnias, a potência da estirpe. Como conseqüência disso, percorreram léguas a esmo em busca deste Santo Graal. Arriscando suas vidas, em nome de qualquer missão incerta, que passava a ser vital desde que lhe fosse designada. Navegaram por mares desconhecidos, penetraram mundos ignorados, morreram por causas que nem sempre eram suas.

Nas mais diversas culturas, as mulheres eram compreendidas e criadas como carentes do atributo que permitia tal potência. Esse modo de conceber as coisas era a lógica conseqüência da costura social, que privilegiava o convívio entre os homens e o resguardo do tesouro fálico de cada civilização como incumbência masculina. Desta forma, partindo do campo da anatomia, a diferença sexual tomou uma extensão imaginária: os homens seriam o sexo forte, as mulheres, o sexo frágil; dito em outros termos: os homens são os detentores do falo e as mulheres castradas.

O divórcio entre a anatomia e a condição fálica (que se registra a partir do século XX) separa pênis e falo, assumindo este último múltiplas formas de representação. O poder deixou de depender de modos diretos de influência, relacionados à força física e ao risco de vida. A inteligência e a diplomacia, assim como a valorização da invenção e da criação, abriram espaço para que o falo pudesse se desamarrar dos corpos e de seus atributos viris.

O corpo masculino deixa, assim, de ser imaginado como a encarnação da potência por sua própria natureza. O falo circula com infinitas máscaras, até mesmo com cara de mulher. Se o pênis não é mais o representante do falo, se a relação tangencial com a morte não é mais prova da virilidade, se o homem já não pode mais tirar sua identidade da oposição imaginária entre o forte e o fraco, onde reside atualmente a masculinidade?

Tais indagações pautaram os trabalhos apresentados no Congresso da Associação Psicanalítica de Porto Alegre sobre a masculinidade (outubro 2004), dos quais temos uma amostra nesta Revista. Outros escritos futuramente se reunirão a estes, em nova publicação, ampliando o número de textos discutidos naquela ocasião.

TEXTOS

ÚNICO NO GÊNERO VICISSITUDES DA HISTERIA MASCULINA

Lucy Linhares da Fontoura¹

RESUMO

O texto visa situar a histeria masculina como uma das formas em que se apresenta a masculinidade e interrogar que particularidades podemos encontrar em suas expressões hoje. A autora parte de dois exemplos clínicos para explorar quatro eixos de trabalho: a relação ao falo, a posição feminilizada, a relação à mulher e a questão do pai. Situa, ao final, três saídas possíveis para o histérico: encarnar o falo (a posição de único no gênero), supor o falo no Outro (a posição de submissão) ou reconhecer a ordenação do falo fora de si próprio e produzir uma representação social para seu falo. Aponta a responsabilidade ética da análise no desdobramento dessas possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: falo, castração, pai, falta, Outro.

ONE OF A KIND VICISSITUDES OF MALE HYSTERIA

ABSTRACT

The text is aimed to place male hysteria as one of the ways in which masculinity is presented, as well as question its particular expressions today. The author brings two clinical examples in order to explore four topics: the relation to the phallus, the feminized position, the relation to women and the question of the father. She situates three possible outlets for a male hysteric: to personify the phallus (so the position of one of a kind), to attribute the phallus to the Other (the position of surrender) or to recognize the order of the phallus outside one's self and create a social representation for one's phallus. She points out the ethical responsibility of an analytical process on the unfolding of those possibilities.

KEYWORDS: phallus, castration, father, lack, Other.

¹ Psicanalista; Membro da APPOA e do Espaço Psicanalítico de Ijuí; Especialista em Psicologia Clínica (Conselho Federal de Psicologia/Conselho Regional de Psicologia 7ª região). E-mail: lucylyf@uol.com.br

A histeria masculina foi situada já por Charcot, no século XIX, à medida que tomou a histeria como neurose, desvinculando-a do aspecto anatômico a que vinha etimologicamente ligada. Freud e Lacan avançaram na direção de tomar a histeria em sua determinação representacional, de linguagem, a qual situa certo posicionamento subjetivo para aquele ou aquela que a encarna.

A princípio, pareceria que mais de um século após os trabalhos de Charcot e Freud, ainda não é pacífico reconhecer homens como histéricos. Julien (1996) faz notar que quando se trata de homens é ainda preferido o diagnóstico de hipocondria ao de histeria. Ao mesmo tempo, a produção bibliográfica sobre o tema é relativamente pequena (Freud, [1922], [1927] 1990; Melman, 1985a, 1985b). No entanto, ele aparece com surpreendente atualidade na clínica, que é a origem das reflexões aqui propostas. Isto apontaria para a proliferação de expressões da histeria masculina na atualidade?

Utilizo expressões da histeria masculina porque a clínica nos confronta com sutis vicissitudes na posição do sujeito em relação ao discurso social, para as quais precisamos *afinar* o instrumento de trabalho: nossa escuta e intervenção. Penso que há variedade nas expressões da histeria masculina; que, para além das apresentações mais espetaculares e caricatas, há também recuo, vacilação e, especialmente, sofrida inconformidade com um *destino* que, se bem implique subjetivamente, é também percebido como contrário ao próprio desejo.

O propósito é, então, situar a histeria masculina como uma das formas em que se apresenta a masculinidade e interrogar que particularidades podemos encontrar em suas expressões hoje. Para isso, são explorados quatro eixos de trabalho: a relação ao falo, a posição feminilizada, a relação à mulher e a questão do pai.

Dois casos clínicos me levaram a formular as interrogações e propor as elaborações que se seguem. Jerusalinsky (2004a) nos diz que uma narrativa torna-se um caso quando nos apresenta um enigma, uma interrogação; e que na formulação desse enigma, dessa interrogação, o papel fundamental é nosso, enquanto analistas (clínicos ou educadores), aludindo à responsabilidade do ato que nos cabe. O enigma diz respeito ao ponto de ignorância em relação ao qual se situa o padecimento de quem nos procura e que o leva a nos buscar, supondo que saberemos o que ele não sabe. A apresentação de caso tem como consequência ética nos situar em posição de *não-todo-saber*, que é correlativamente homóloga e crucial para que a escuta propriamente analítica possa se caracterizar e sustentar.

No primeiro caso, o analisante se queixava de esgotamento generalizado. A carga de trabalho se lhe afigurava monumental e desumana. Os proble-

mas enfrentados eram difíceis e espinhosos. Devido à natureza de seu trabalho, muitas vezes se via confrontado com questões de vida e morte, para as quais precisava contar com sua competência profissional e capacidade inventiva, as quais, eventualmente, não eram suficientes para um desenlace favorável.

Não obstante sua atividade consistente e qualificada, seguidamente sentia a falta de reconhecimento de seus pares, o que o deprimia gravemente. Não conseguia compreender a razão dessa destituição; em parte acreditava a seu passado de *bon vivant*, em parte supunha que lhe faltassem as alianças necessárias e então se dedicava a um jogo de conchavos destinado a *calçar-se* na posição hierárquica que ocupava.

Sua vida financeira se caracterizava por uma desmedida generalizada; apesar de um aporte financeiro significativo, não conseguia se situar em posição de responsabilidade quanto a este aspecto: não exercia controle sobre o orçamento doméstico, tinha dificuldade em cobrar por seu trabalho, incentivava hábitos de consumo exagerado em sua mulher, fazia questão de colocar-se como inteiramente inapto quanto a essa *dimensão prosaica* da vida. Por conta de tudo isso, vinha há anos acumulando uma dívida que começava a se afigurar em sua real dimensão.

Este analisante se apresentara originalmente à análise com a queixa de que *corria atrás de mulher o tempo todo*. Apesar de, na ocasião, já estar próximo aos quarenta anos, não conseguia consolidar seus relacionamentos amorosos numa parceria conjugal, nem fora capaz de assumir a paternidade de uma gravidez que se apresentara. O primeiro período de sua análise culminou na realização de uma paixão por uma jovem mulher, cuja corte vinha laboriosamente fazendo, a qual finalmente correspondeu a suas investidas e com quem desdobrou um laço amoroso, que deu lugar a uma parceria conjugal e à formação de uma família.

Sua relação conjugal com essa mulher, no que se configurou como o segundo tempo de sua análise, vinha sofrendo desgaste progressivo: não se sentia respeitado nem reconhecido por ela, tinha surtos de ciúme que a ele mesmo se afiguravam delirantes, dada a inexistência de sinais que motivassem desconfiança e, finalmente, começava a se desinteressar dela, justificado por sua alegada imaturidade e frivolidade.

No segundo caso, o analisante se encontrava trespassado pela interrogação: *sou homem?* A possibilidade de enunciar a questão dessa forma já foi conseqüência de um suficiente percurso de análise.

Sua preocupação obsessiva com a forma física remontava à puberdade, que qualificava de tardia. Além da ginástica, utilizava toda sorte de artífici-

os para parecer maior e mais forte. Apresentava uma série de queixas de dor em várias partes do corpo, para as quais não encontrava diagnóstico nem remédio, sendo a interrupção temporária de suas práticas fisiculturistas o único alívio relativo.

Em sua atividade profissional esteve sempre *em parceria* com alguém, geralmente mais velho, de quem se sentia dependente e com quem tinha relação ambivalente, de gratidão e de desafio.

Nem o casamento nem a paternidade foram suficientes para assegurá-lo como homem.

Percebia-se numa posição de submissão ao Outro, em intensa dependência de aprovação, com muita dificuldade para manifestar qualquer diferença que implicasse sustentar posicionamento próprio.

Em contrapartida, apresentava forte relutância em se fazer responsável por seus atos, o que muitas vezes era acompanhado de reações impulsivas, intempestivas e temperamentais.

Em dado período de seu percurso analítico apareceu a fantasia de uma mulher que o fizesse homem, associada a atitudes de provocação e exibicionismo erótico. O mais das vezes, para ele, a questão se esgotaria nisso. No entanto, eventualmente chamado a dar conta de suas promessas e provocações, sua reação, em geral, oscilava entre fastio, desinteresse e desconforto ante a pressão de *mostrar serviço*. Essas suas reações lhe eram incompreensíveis, o abalavam, angustiavam e terminavam por ratificar sua interrogação acerca de si próprio e de sua masculinidade.

Vamos partir desses dois exemplos clínicos – brevemente situados em um recorte em que foram selecionados aspectos pertinentes para as questões que nos interessam aqui.

Em primeiro lugar, pode-se observar na histeria masculina a vocação – tão característica da histeria – de questionamento do lugar de cada um; a predisposição a sentir questionado o próprio lugar e a questionar o lugar do outro. Isso se evidencia na problemática do reconhecimento, quando não se obtém o reconhecimento que se considera devido, ou seja, quando os atos se justificam por sua referência narcísica, para afirmar o que sou ou o que tenho.

A questão do reconhecimento – que diz respeito à imagem – pode ser articulada, aqui, à posição fálica do sujeito. Por essa expressão entendemos o lugar em que o sujeito se vê e se coloca relativamente a sua representatividade simbólica, a condição de seu exercício subjetivo face a si mesmo e face ao Outro.

O homem histérico parece se ver convocado a sustentar o que poderíamos chamar de um falo *inflacionado*. Inflação diz respeito a produzir valores

imaginários, sem respaldo real e com um efeito – conseqüente dessa dilatação imaginária – de transtornar a ordem simbólica, isto é, de produzir desordem no ordenamento simbólico das coisas. Nesta perspectiva, a condição histórica consiste em vender aos outros uma aparência fálica muito maior daquela que se tem e sofrer da angústia de saber que entre a máscara fálica que se oferece e a própria consistência subjetiva há uma importante diferença (Jerusalinsky, 2004b).

O histérico se apresenta, assim, como portador de um falo superlativo, destinado a diferenciá-lo como único, o que, no entanto, lhe impõe um preço exorbitante, um excesso que se apresenta ora como excesso de trabalho, ora como excesso de recursos (poder, dinheiro) – que a sustentação desse falo lhe demanda.

Não é difícil perceber que essa operação se reveste de um matiz de impostura (Kehl, 2004). Diversas são as formas em que se apresenta essa impostura. Como frustração e melancolia frente a uma insuficiência na potência fálica ou viril – *não reconhecem meu valor, tive que tomar Viagra, por mais que eu faça, para ela sou um ...* Também na disputa pelo poder, pela prevalência – predisposição característica da batalha histórica pelo lugar – a qual traz, na sua contraface, a melancolia da destituição.

Quando a posição histórica no homem se apresenta como carência fálica podem-se encontrar conseqüências, como o esforço compulsivo de fabricar um corpo másculo, até o ponto de machucar esse corpo, como a lhe impor castigo por não responder pelo lugar másculo que o sujeito almejava. A literatura psicanalítica provê inúmeros testemunhos acerca do quanto o sujeito histérico vive seu corpo como um domínio que lhe é profundamente outro, alheio (Melman, 1994).

Em uma espécie de compensação por essa carência fálica, a recusa ou a relutância em se fazer responsável por seus atos (e escolhas) pode ser interpretada como meio de fazer sentir ao outro a própria potência fálica.

A psicanálise nos ensina que o acesso à virilidade e à feminilidade se dá por intermédio de uma operação simbólica – a castração – que consiste na renúncia à miragem de totalidade que nos embriagava (Lacan, [1956-1957], 1995). A neurose se caracteriza pela produção de estratégias para contornar essa operação. A particularidade da histeria consiste em, para eludir a castração, fazer, apontar a falta no Outro.

O exercício de uma posição histórica – fazer a falta no Outro – custa ao homem a posição fálica; fazer-se desejar pelo outro o feminiliza (Jerusalinsky, 2004b). Essa pode ser a configuração subjacente à interrogação da angústia: sou homem, afinal?

A relação à mulher porta a marca dos elementos situados até aqui: ora a demanda de uma mulher que o faça homem, ora a de uma mulher de quem possa ter a garantia de ser persistentemente amado, isto é, uma mulher que não vá perder; esta última sendo a interpretação do sintoma erotomaníaco: correr atrás de mulher todo o tempo é produto de temer não ter nenhuma, isto é, que não haja uma que o ame de forma duradoura e que não vá abandoná-lo.

A questão do pai, para o histérico, é solidária à posição do falo (Pommier, 1992). No esquema edípico – pai, mãe, filho, falo – a questão será saber onde está o falo, uma vez que este filho percebe que, para sua mãe, não é o pai (genitor) que o detém. A alternativa será encarnar o falo: *Sou eu, eis-me!*. Ou supô-lo em figuras de poder, pais imaginários a quem se submeterá (Winter, 2001).

O falo encarnado em si próprio lhe atrasa – ou impede – os projetos: ele se esgota nessa miragem que ele mesmo produz.

A suposição do falo em figuras de poder o infantiliza e acovarda.

Nessa perspectiva, a questão atual acerca de onde estaria o falo encontra expressão nos homens históricos. Aqui inventariamos algumas de suas estratégias para conjurar, uma e outra vez, segundo expressão de Jerusalinsky (2004b), *o lugar vazio de falo que os acossa*.

Para finalizar, gostaria de trabalhar o laço transferencial na análise. Não foi por acaso que a psicanálise nasceu com a escuta da histeria: o padecimento histérico, ao dirigir-se a um Outro, demanda a escuta, que é sua consequência necessária. Mais ainda, foi graças à corajosa entrega à exploração de seus abismos que os analisantes do passado permitiram que a escuta psicanalítica se constituísse e consolidasse como alternativa para viabilizar algum outro modo de viver. Referindo-se à hoje famosa Anna O, paciente de Breuer e de Freud, Jerusalinsky (1993) a situa como “...aquela queixosa mulher que, expondo com sinceridade suas impossibilidades, sua ignorância e sua angústia, abriu o caminho para a descoberta do Inconsciente”.

Da mesma forma, para os analisantes de hoje, particularmente esses homens que se situam em posição histórica, tenho testemunhado que o laço transferencial se reveste de um *pathos*, uma paixão através da qual se joga a problemática de vida e as possibilidades de construção de outro ordenamento sintomático.

Parodiando a expressão que se aplica a algumas psicoses, o *futuro*, o prognóstico de um histérico me pareceria *não decidido* entre:

– encarnar o falo, finalmente: aí a majestade tão ostentatória quanto ridícula; seja no campo do saber, no exercício do poder, ou nalguma outra

versão. Esta é a posição de *único no gênero*, pois a quem encarna o falo nada falta. Esta espécie de ser andrógino não faz par, embora possa estar acasalado;

- supor o falo em figuras de poder a quem se submeterá numa cooptação ou capitulação acovardada;

- aceitar, reconhecer a ordenação do falo fora de si próprio; produzir uma inserção, uma representação social para seu falo.

Trata-se de uma questão ética e nesta, embora não seja panacéia milagrosa, a análise tem papel relevante, tem uma responsabilidade.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Una neurosis demoníaca en el siglo XVII [1922]. In: ____ *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 19.

_____. Dostoievski y el parricidio [1927]. In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 21.

JERUSALINSKY, Alfredo. A ciência esbarra na esfinge histérica. *Zero Hora*, Porto Alegre, 27 mar. 1993. Caderno Cultura, p.8.

_____. Razão e método para apresentação de casos clínicos. In: _____. *Seminários III*. São Paulo: USP. Instituto de Psicologia. Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, março 2004.

_____. Comunicação Pessoal. 29/07/2004b.

JULIEN, Philippe. Histeria. In: *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Kaufmann, P. (editor) Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996. p. 245-252.

KEHL, Maria Rita. A impostura do macho. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 27, p. 90-102, set. 2004.

LACAN, Jacques. *O seminário: Livro 4. A relação de objeto [1956-1957]*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

MELMAN, Charles. A histeria masculina. In: _____. *Novos estudos sobre a histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985a, p. 141-146.

_____. Enfim a histeria masculina. In: *Novos estudos sobre a histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985b, p. 152-156.

_____. *A identidade histérica*. Exposição organizada no quadro de um seminário sobre identificação por Josiane Quilichini e Annie Douce; Reims, 6 de junho de 1994. Tradução de Francisco Settineri. Mimeo.

POMMIER, Gérard. *A ordem sexual: perversão, desejo e gozo*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

WINTER, Jean-Pierre. *Os errantes da carne*; Estudos sobre a histeria masculina. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

**O ESPELHO E OS HOMENS:
CONSIDERAÇÕES
SOBRE OS REFLEXOS
NA MASCULINIDADE DE HOJE**

Isabel Marazina¹

RESUMO

O artigo trata de algumas das dificuldades de situar o conceito de masculinidade na clínica e no campo imaginário da subjetividade atual. Considera-se é possível pensar uma torção da posição masculina desde a neurose obsessiva para a histeria, visto o lugar que a histeria ocupou como analisadora do mal-estar que cada construção cultural comporta e renega.

PALAVRAS-CHAVE: mal-estar, histeria masculina, posição do masculino, cultura contemporânea.

**MIRROR AND MEN: REMARKS UPON
REFLECTIONS ON TODAY'S MASCULINITY
ABSTRACT**

The article deals with some of the difficulties to establish the concept of masculinity in the clinic and in the imaginary field of nowadays subjectivity. It considers if it is possible to conceive a twist of the masculine position from obsessional neurosis towards hysteria, given the place that hysteria has occupied as analyzer of the discontent that each cultural construction carries and denies.

KEYWORDS: discontent, male hysteria, position of the masculine, contemporary culture.

¹ Psicanalista; Membro da APPOA; Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP; Analista Institucional. E-mail: imarazina@uol.com.br

Queria começar agradecendo a possibilidade que me foi aberta, neste encontro, de poder discutir com vocês algumas observações sobre os difíceis caminhos que a masculinidade tem se visto obrigada a percorrer e que vêm me interpelando, tanto na clínica quanto na vida.

Para poder colocar estas observações em perspectiva teórica, recorri a uma série de textos sobre sexualidade masculina, que me trouxeram prioritariamente a referência à neurose obsessiva.

Mas a minha pesquisa se dirigia a achar caminhos de entendimento para algumas situações que me instigavam, enquanto não me ressoavam na linha da obsessividade. Por exemplo, o comentário de um adolescente sobre outro, membros da mesma turma: “Se Fulano olhasse para a namorada tanto quanto se olha no espelho, as coisas entre eles iriam bem melhor...”. O adolescente em questão, em tom de brincadeira – e sabemos que as brincadeiras também são uma forma de falar da verdade – declarava “que achava o metrosssexual uma grande figura...”. Podemos pensar isto desde a passagem adolescente, que implica a necessária experimentação nos diferentes papéis que o contexto social facilita, mas colocando-o em série com comentários de pacientes jovens adultos – do tipo: “não tomo banho com minha namorada porque não gosto como fica meu cabelo molhado caindo sobre minha testa” ou com sintomas bulímicos acompanhados por excesso de malhação na academia, com preocupações intensas em relação à boa forma corporal, para “ser olhado” em festas às quais se vai quase com esse único fim –, parece claro que a nossa velha conhecida histeria está deixando de ser patrimônio evidente do sexo feminino para virar sintoma deste momento da cultura também entre os sujeitos sexuais do lado masculino. Como fenômenos que entrariam na lista, temos os números em franco crescimento de cirurgias estéticas masculinas, as exposições de *strippers* masculinos nos já corriqueiros clubes de mulheres sozinhas, os inúmeros relatos ouvidos na clínica, vindos de mulheres que reclamam da dificuldade de estabelecer uma relação que não esteja marcada, da parte dos seus instáveis parceiros, pelo mote de “não cobre, não coloque condições, só fique calada e me admire”.

Cito uma passagem do texto de Maria Rita Kehl (2003), que abre a publicação da APPOA sobre *A necessidade da neurose obsessiva*:

“Se hoje os obsessivos, ainda que numerosos (incluindo um exército cada vez maior de mulheres) parecem-nos um pouco deslocados, um pouco anacrônicos ou mesmo ridículos, com suas restrições auto-impostas, seus rituais de “refazer o pai a cada instante” (...) é porque a sociedade tornou-se histórica. ...é a histórica que tem como mecanismo de defesa uma pretensa desimplicação com o passado e com a dívida simbólica, que o obsessivo

sustenta com seu sintoma...a histérica equilibra-se como pode nas malhas do presente, em busca dos que atestem aquilo que ela sabe ter para ser: um corpo (para ter falo),um adorador (para ser o falo)” (p.10-11).

Essa referência pode nos ajudar a pensar em várias direções, e a tentação de abrangê-las todas é muito grande (meu traço obsessivo), mas tentarei me cingir ao que o título indica, buscando indagar por que o espelho – eterno companheiro da permanente indagação feminina pela posse do brilho fálico – passa a ser cada vez mais disputado pelo campo masculino.

É evidente que na própria citação encontramos pistas para começar nosso percurso. Está se apontando que a característica do laço social atual tenderia mais para o campo da histeria, e entendemos que muitos fatores nos levam a pensar isso. Falar de uma sociedade, ao menos a sociedade ocidental, que privilegia a depreciação dos valores dos processos de construção que implicam o devir temporal para se prender ao brilho instantâneo da imagem, das transformações quase alucinatórias que foram moldando o tecido social em um culto ao sempre novo, das enormes mudanças nos lugares tradicionais do masculino e do feminino, já é quase lugar comum, e escutaremos bastantes entendimentos sobre isso ao longo deste encontro.

Não estou afirmando, entenda-se bem, que a histeria masculina não marca presença ao longo da história. Jurandir Freire Costa (1996), em seu texto *O referente da identidade homossexual*, aponta que em torno de 1859, a teoria da histeria como resultado das perturbações uterinas é contestada, passando a ser considerada uma “neurose de encéfalo”, predominante nas mulheres por ser o encéfalo mais sujeito às emoções, e, portanto, à histeria. Daí, segundo Maria Virgínia Grassi (2004), “o problema da histeria masculina residia em que o homem histórico podia ser tomado como uma mulher... em soma, um fraco...” (p. 216-217).

Acontece que Freire Costa nos conta que a histeria masculina se encontrava, na época, entre os trabalhadores manuais e pobres de toda índole. Charcot foi levado, frente a essa constatação, a se perguntar se a neurose histórica era realmente mais freqüente na mulher que no homem, e a colocar a miséria entre suas etiologias...

Escutemos o que Freire Costa nos diz:

“O homem histórico não só era feminino na sua sensibilidade. Era pobre, e com sua pobreza denunciava a violência de uma sociedade político-econômica que queria se mostrar como o ápice da evolução do espírito humano e da civilização. A histeria masculina foi por isso esquecida, deixada de lado como irrelevante para as idéias científicas. O histórico era um pária, e o que interessava à medicina como higiene era o homem-pai e a mulher-mãe da família burguesa” (1996, p.83).

Por que a histeria feminina era interessante para a medicina? Porque a histórica não se assujeitava ao ideal da feminilidade burguesa, que tomava a maternidade como paradigma. Nesse sentido, era uma antimãe, e, portanto, ameaçava a ordem. Por outro lado, o histórico não era um antipai burguês, mas um fora das regras, cujo destino patológico era pouco importante para a raça e a moral das classes dominantes e em ascensão.

Aqui nos encontramos com uma articulação no mínimo intrigante: considerou-se que a posição histórica feminina dava corpo – literalmente – ao mal-estar resultante do recalque de aspectos fundamentais da sexualidade que não podiam ter espaço no laço social. Com o seu corpo em sofrimento, suas exhibições “destemperadas”, seus sintomas multiformes, a histórica falava de um feminino que escapava do ideal de mulher “decente” que a burguesia preconizava.

Se considerarmos que a histeria masculina grassava nos setores mais miseráveis dessa mesma ordem social, poderíamos pensar que seu modo sempre denunciante do mal-estar era nos territórios da exclusão e da miséria onde teria que aparecer, justamente naqueles que deviam ficar sem expressão nem direitos para que a ordem social que determinava a distribuição de valores – e, portanto de significados fálicos – aos indivíduos pudesse sustentar o semblante de humanismo e civilização que propunha para si própria.

Mas, então, parece que, pelo até aqui expressado, não existe novidade no *front*, ou seja, que a pouca atenção aos fenômenos da histeria masculina constituiria mais o fruto de um olhar dirigido pelas necessidades da época do que a constatação da sua inexistência... o que, chamando Foucault em meu auxílio, não é outro o caminho que a pesquisa científica percorreu desde seu nascimento. Sob o semblante de uma pretensa “objetividade”, a ciência não faz mais do que cristalizar em forma de “verdades” os imaginários que uma época destila na configuração do seu laço social...

Entendo que nos achamos frente a novidades, sim.

Desde a psicanálise, pensa-se que o falocentrismo, que sustenta a distribuição de valores – e de poderes – na sociedade patriarcal, não gerou, mas reforçou o imaginário “eles tem – elas não” que não é mais que a teoria infantil nascida da impossibilidade de inscrever a diferença sexual nos primeiros anos de vida.

Sabemos que esse imaginário promoveu, ao longo da história, uma atribuição social do poder ao homem, que este recebia como algo que lhe era próprio, “por natureza”, enquanto possuidor de um pênis, garantia do brilho fálico. Em momentos em que os atributos de força e valor físico eram imprescindíveis para assegurar a posse das terras, dos Estados e das mulheres, a supremacia masculina era incontestável. Todo um aparelho institucional estava destinado a sustentar a lógica que dividia a espécie entre seres “completos” e “incompletos”.

A história do século XX nos mostra a desconstrução progressiva dessa lógica. Desde o avanço tecnológico, que faz o deslocamento do eixo “força e coragem” para o eixo “pensamento e habilidade” – passando pela revolução que implica a pílula anticoncepcional, pelas progressivas conquistas femininas de lugares antes impensáveis no mercado de trabalho, pelos espaços de decisão sociopolíticos, etc., etc. –, sucessivos e mortais golpes foram proferidos à imagem do patriarca sustentado pelo seu atributo natural, que vinha sendo posta em xeque desde o início da modernidade.

Como resultante desses processos, eis aqui a novidade mais importante a assinalar: o falo, então, não se amarra mais no corpo masculino; mais ainda, ele circula... Será que, partindo desse ponto, podemos pensar que o “ofício de homem”, que em outro momento passava por fazer jus a esse falo que lhe era atribuído desde o momento em que seu corpo assim o testemunhava, hoje sofre num movimento basculante, semelhante ao processo da feminilidade? Fazer-se fazer valer – e desejar, portanto – através de um corpo falicizado por inteiro, para assim ser adorado, não será o caminho anunciado por muitos homens que hoje sentem que seu pênis pouco lhes assegura, frente, por outro lado, a mulheres que tomaram para si inúmeros atributos masculinos, e os sustentam com assombrosa competência?

Sergio Rodriguez (1996), falando sobre os possíveis efeitos da ausência, no inconsciente, de um significante que represente a mulher de forma geral – relembremos que elas não têm – faz o seguinte comentário:

“É por isso que as mulheres põem tanto cuidado na sua apresentação particular. Enquanto os homens tendem – salvo exceções – a serem descuidados, como elas mesmas afirmam” (p. 86).

A consulta ao espelho, esse incremento do cuidado com a apresentação particular, como Rodriguez indicava, não nos está falando dessa vacilação do brilho fálico que precisa ser constantemente certificada? Se o olhar do outro se configura como a principal garantia de valor, estamos no campo da histeria, e no precário equilíbrio que sabemos acompanhar a manobra de captura desse olhar, com todas as sujeições que dela fazem parte.

Encruzilhada difícil para o sujeito masculino, que constrói sua posição através de um tortuoso caminho que implica negar em si os traços de qualquer assujeitamento que possa feminilizá-lo... basta seguir com atenção os desenvolvimentos do percurso do pequeno homenzinho para entender o porquê de sua necessidade de apagar com tanto vigor, seja sua dependência do Outro primordial seja a passividade em relação ao pai, que lhe aparece como o único capaz de separá-lo da armadilha mortal do gozo materno...

E aqui enveredamos por outra dificuldade própria da época: a quantas anda essa capacidade paterna, que depende do valor que a mãe pode dar, em seu discurso, ao seu homem, enquanto seu objeto de desejo? Se pensarmos na oferta tecnológica, que facilita o sonho fálico das “produções independentes”, nas quais o lugar do pai fica reduzido a um traço sem maior importância, não parece muito promissora a possibilidade de sustentá-la... Porém, me vem à cabeça um fragmento da sessão de uma paciente, jovem executiva, muito entregue às exigências da carreira, que nesse momento atravessa um sofrimento considerável, pelo fracasso reiterado que ela e seu marido vêm enfrentando na procura de um filho. Tendo decidido recorrer ao “pai tecnológico”, realizou duas tentativas de fertilização, nas quais, em razão de uma “má disposição” do útero, para poder introduzir o cateter com o esperma, teve que sofrer um pequeno corte, que relata como muito doloroso. À medida que vai falando sobre essa dor, entendo que fica claro que de outras dores se trata, e convido-a a pensar sobre isso. O que a leva a descobrir, surpreendida pela própria fala, que a dor era suscitada pela morna presença do marido em todo o processo. De fato, na primeira tentativa ele não se acha presente; e na segunda chega com retardo à sala de espera da clínica onde se realizava o procedimento. Ela pode formular seu desejo de entrar na sala na companhia dele, e o efeito desse reconhecimento é uma conversa, frente à necessidade de tentar mais uma vez, em que coloca esse pedido para seu companheiro. O interessante é que, confrontado com esse “pedido”, ele pode dizer do seu incômodo de se sentir desnecessário – recusando o fato de ser o seu esperma que fertiliza – mas também da sua angústia de estar presente no momento em que o médico “mexe com ela desse jeito”. Deixando de lado as possibilidades de entendimento sobre essa angústia, o importante é que ela relata, surpresa, que, na medida em que ele pode acompanhá-la, o seu útero ficou receptivo à introdução dos espermatozoides, e o processo todo se realizou sem dor, coisa que abriu a possibilidade de pensar que em algum lugar esse homem lhe era insubstituível. Sem dúvida que a riqueza desta vinheta nos convida a pensar em muitos desdobramentos, mas o que me parece pertinente a nosso tema é que algo da ordem do fantasma fez limite à posição onipotente de um saber científico que nos propõe como possível a ultrapassagem de quaisquer limites. Ali fazia falta esse homem, na posição de homem, para poder haver a fecundação possível, coisa que tanto para ela quanto para ele permaneceu enigmática até o corte no corpo poder ser falado.

Talvez possamos pensar que a posição masculina, hoje, requer, sim, um esforço semelhante ao realizado por este casal. Por um lado, a possibilidade de uma mulher poder falar da sua falta, renunciando em parte à aura

fálica que suas conquistas lhe têm ajudado a construir. Por outro, da possibilidade de o homem vislumbrar que, mesmo não conseguindo ser “tudo” para a mulher, há um espaço que pode lhe estar reservado, no qual somente ele faz a diferença. E não se amedrontar com isso.

O tempo me exige terminar, e com isso deixar de fora várias questões que decorrem destas meras indicações para pensar. Mas não queria fazê-lo sem remarcar que nesta difícil conjuntura que nos implica tanto aos homens quanto às mulheres, não nos será possível fazer surgir alguma condição de possibilidade se não lembrarmos que aquilo que constitui nossa principal dor também é nossa saída: a castração nos afeta a todos. É por isso que relançamos o desejo, incessantemente, na busca daquilo que finalmente nos faça viver a jamais renunciada completude, e nos decepcionamos quando, alcançado o objeto, nos revela o engano, uma e outra vez. Talvez – e isto é uma expressão de desejo – um amor que possa se sustentar na lucidez desse desengano nos ajude a transitar por esse caminho com menos exigências, e, portanto, com menos sofrimentos. Disso, já Freud e o ditado popular nos alertaram:

Tem ilusões que matam....

REFERÊNCIAS

- COSTA, J. F. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina (Orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- GRASSI, M. V. F. C. *Psicopatologia e disfunção erétil; a clínica psicanalítica do impotente*. São Paulo: Escuta, 2004.
- KEHL, M. R. Prefácio. In: *A necessidade da neurose obsessiva*. Porto Alegre: 2003, p. 7-11.
- RODRIGUEZ, S.; ESTACOLCHICK, R. *Pollerudos: destinos de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Ed. de la Flor, 1996.
- WINTER, J. P. *Os errantes da carne: estudos sobre a histeria masculina*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

TEXTOS

O QUE ELAS FALAM DELES

Rosane Monteiro Ramalho¹

RESUMO

A partir de casos clínicos, o texto aborda o lugar que as mulheres atribuem aos homens na nossa cultura – narcísica e individualista – e as consequências disto em suas relações amorosas.

PALAVRAS-CHAVE: *relações amorosas, imaginário feminino, auto-suficiência, dependência.*

WHAT THEY SAY ABOUT THEM

ABSTRACT

From case studies, this text approaches the place women assign men in our culture – narcissistic and individualistic – and its consequences to their love relationships.

KEYWORDS: *love relationships, feminine imaginary, self-sufficiency, dependence.*

¹ Psicanalista, membro da APPOA, mestre em Psicologia Clínica (PUC/SP). E-mail: rosaneramalho@brturbo.com.

Falar hoje em masculinidade e feminilidade remete a uma variedade de formas existenciais possíveis. Neste sentido, para conversar com vocês acerca “do que elas falam deles”, vou me ater ao que a escuta de minhas pacientes tem me feito pensar sobre o tema.

Proponho começarmos pelo que se escuta comumente em vários âmbitos da cultura hoje, expressos principalmente na mídia. Já se tornou quase lugar-comum dizer que não existem mais homens, que eles não querem compromisso, e por aí vai.

O curioso é que esse discurso parece, na verdade, veicular a opinião das mulheres. Quando os homens falam de si (no meu consultório, ao menos), o que aparece não é o “não querer compromisso”, mas o sentir-se inseguro frente ao que as mulheres hoje – tão completas que parecem se bastar – manifestam querer deles. O desencontro nesses discursos é evidente.

E é a partir desse desencontro, e tomando o discurso das mulheres sobre a masculinidade, que pretendo pensar com vocês o tema proposto para hoje. Para isso, vou utilizar dois casos clínicos. São histórias bem distintas, em que cada uma das mulheres parece, à primeira vista, esperar coisas diferentes dos homens com que se relacionam. Ao final, no entanto, um olhar mais cuidadoso parece trazer à tona uma questão em comum. Apesar de as trajetórias existenciais tão diversas, ambas me parecem enfrentar um dilema que nossa cultura atual impõe a boa parte das mulheres.

De fato, o que “elas” querem “deles” mudou muito através dos tempos. As transformações culturais produziram significativas mudanças nas identidades masculina e feminina. Nas sociedades tradicionais, ser mulher era ser esposa e mãe. Era esperado do homem – em casamentos estabelecidos por decisão dos pais, não por amor – a função de provedor, e que desse um nome à mulher. Enfim, era o homem que outorgava à mulher o lugar na sociedade. O feminismo e os avanços tecnológicos levaram as mulheres a trabalhar e à liberdade sexual, graças também aos anticoncepcionais, que possibilitaram outras formas de ser mulher. Elas passaram a optar por se casar ou não, por ter ou não filhos, por ter relações hétero ou homossexuais, ou, mesmo, ambas. É, ainda, extremamente comum, atualmente, as mulheres serem o provedor da família, além do que muitas famílias são compostas só pela mãe e os filhos.

A herança que o feminismo deixou, além da liberdade conquistada pelas mulheres, é, entretanto, a de não depender dos homens. Algumas mulheres, radicalizando, estendem este prescindir dos homens inclusive à procriação. A “produção independente” é um exemplo disso, quase confirmando a fantasia da partenogênese.

O discurso feminista, propondo a igualdade entre os sexos, é consequência do Iluminismo. O advento da razão iluminista passou a caracterizar a sociedade ocidental como basicamente individualista e narcísica. Como sabemos, diferentemente da sociedade tradicional, em que a filiação garantia um lugar simbólico para o sujeito, na sociedade moderna não é mais a tradição, os valores simbólicos, mas o imperativo de se fazer por si mesmo que o define. O sujeito contemporâneo, tendo que se fazer por conta própria, encontra-se mais livre, senhor do seu destino, por abrir mão da tradição. No entanto, justamente por prescindir dos referenciais simbólicos, encontra-se também mais só, desamparado. Por isso, os sintomas sociais hoje, com grande frequência são a solidão e a depressão. E, consequência disso, os sintomas das adições em geral – a um objeto que daria conta imaginariamente do preenchimento narcísico para livrar o sujeito de seu desamparo – serem encontrados hoje tanto nos homens quanto nas mulheres, num crescendo. Esse é o impasse contemporâneo: ter que se fazer por si mesmo ao mesmo tempo em que é imprescindível obter algum reconhecimento para ser sujeito.

O fato de o parceiro fornecer uma imagem que permite ao sujeito se ver, se reconhecer, é o que caracteriza a engrenagem do amor. O sujeito, então, acaba esperando do parceiro amoroso, como um espelho, o fornecimento de uma imagem que diga dele. Na clínica, encontro seguidamente situações em que a ruptura nestas relações implica uma espécie de aniquilação subjetiva. Acredito que, nesses casos, o que ocorre é que essa exigência se torna, por assim dizer, excessiva, a ponto de o parceiro acabar ocupando efetivamente o lugar de suporte narcísico, cuja falta, remete a um profundo desequilíbrio psíquico.

Neste ponto, reporto-me ao que Maria Rita Kehl (2000) discute acerca da função fraterna. Ela propõe ser, atualmente, a função fraterna e não mais a paterna – uma vez que esta se encontra fragilizada – a reguladora das relações. Neste sentido, os parceiros, numa relação de igualdade, como semelhantes, dariam conta, fundamentalmente, de restituírem o narcisismo mútuo. Isso leva a consequências problemáticas, uma vez que “irmãozinhos” não transam. A falta de sexo por parte desses casais acaba sendo queixa recorrente. Talvez seja desnecessário mencionar que a falta de desejo tem relação com a não-diferença, pois o desejo é justamente a consequência desta. Nossa sociedade propõe a igualdade entre os sexos, ou, mais especificamente, independentemente do sexo, a igualdade entre os sujeitos. Lembremos que uma queixa comum encontrada hoje é justamente a falta de desejo, a apatia e a depressão entre os casais. Até que ponto este não seria efeito colateral indesejável dessa exigência de igualdade? Essa é

uma questão que a ideologia do “politicamente correto” não deve impedir que discutamos.

A partir destas considerações, quero focalizar a lente para o que vejo hoje seguidamente na clínica, utilizando-me, para isto, de dois fragmentos clínicos, para avançarmos na questão sobre o discurso das mulheres acerca da masculinidade.

Um dos casos é o de uma mulher, em torno de seus trinta anos, que me procurou, há muito tempo atrás, após tentativa de suicídio por *overdose* de cocaína e álcool. Nessa ocasião, arrebentou seu carro, batendo em um poste, o que lhe causou machucados físicos e psíquicos. Aliás, a sua fragilidade psíquica era constante. Vivia pelos bares da cidade, bebendo e se drogando, bem como transando com qualquer um que aparecesse, pondo-se freqüentemente em situações de risco. Quando retornava para casa é porque o marido ia atrás e a carregava de volta. Ela tinha uma filha, a quem não conseguia se dedicar. A menina era cuidada pelo pai – quando este podia, pois trabalhava muito –, pela avó e pela empregada. Minha paciente passava o dia dormindo para se recuperar das noitadas ou, nos *shoppings*, comprando roupas de grife. Trocava de homem assim como trocava de roupa, e dizia precisar ter outros homens porque o marido a deixava muito só. Quando transavam – momentos em que também costumavam se drogar – ele ficava numa posição passiva, cabendo a ela a posição ativa. Partia do marido a proposta de fantasiarem a troca de papéis sexuais. Essa inversão, porém, a incomodava, pois desvalorizava o marido a seus olhos. Considerava-o uma “bicha enrustida” e, por isso, precisava de outros homens. Os homens – amantes – com quem ela transava eram fortes fisicamente, machos, truculentos, tipo camioneiros, como ela costumava dizer ao se referir às suas mais gostosas transas. Com alguns deles, acabou tendo relação mais duradoura, quando acabava se apaixonando. Nessas ocasiões, passava a viver com esses homens um tórrido romance, sumia de casa por vários dias e, quando a relação acabava, entrava em depressão.

Paulatinamente, ela foi diminuindo e conseguindo parar por longos períodos o uso de drogas e, paralelamente, as transas com os outros homens – que acabou sentindo que equivaliam a uma droga. Esse processo começou a acontecer na medida em que ela passou a falar, na análise, sobre a sensação de exclusão que sempre a havia acompanhado. Em sua infância sentia-se deslocada, por conviver com pessoas mais ricas do que ela, tanto no seu bairro, quanto na escola, não tendo as mesmas condições financeiras. Sentia-se pobre em todos os sentidos, não possuía as roupas que suas amigas tinham, e tampouco a família. Invejava os pais de suas amigas. Sua mãe

estava constantemente deprimida, pois o marido não a fazia feliz; ele se mantinha quase sempre bêbado e perdendo dinheiro. Certa vez, sua mãe tentou inclusive se suicidar, o que abalou profundamente a filha. Ela refugiava-se nos romances que lia ou ia para as casas de suas amigas: queria outra vida para si.

Na medida em que conseguiu falar sobre sua história, ela também retomou os estudos – a faculdade que havia interrompido – e, principalmente, a relação com a filha. Queria muito conseguir ser mãe, porém, uma mulher diferente daquela que fora sua própria mãe, cujo desempenho vinha repetindo.

Essa paciente tinha uma relação com os homens e com as roupas de grife assim como tinha com as drogas, ou seja, da ordem da necessidade, e, portanto, não do desejo. Não podia prescindir desta “droga-veneno” – pois reconhecia que lhe fazia mal –, mas que, ao mesmo tempo, imaginariamente, também, lhe tamponava o desamparo.

Para os homens-amantes era, porém, bem difícil – ou, mais precisamente, impossível – ocupar o lugar que ela lhes reservava. Acabavam por se sentir sufocados frente a essa demanda tão absorvente e totalizante, da qual precisavam, portanto, tomar alguma distância. Assim, muitos deles optavam pelo fim da relação, uma vez que lhes era insustentável ocupar o lugar de homem-droga de que ela lhes incumbia, pois fazê-lo significaria, justamente, sua aniquilação enquanto homens, enquanto sujeitos. Era, provavelmente, insuportável – tanto para seu marido quanto para os homens que convocava para substituí-lo – verem-se instados a dar conta de sua incontornável fragilidade.

Todos esses “camioneiros”, assim como o dinheiro de seu marido, tinham a incumbência de preenchê-la de uma forma que seu pai não fizera com sua mãe. Nesse sentido, mais do que um desejo sexual, ela atuava em sua busca a insatisfação da própria mãe. A mãe depressiva produz em seu filho o sentimento de lhe ser indiferente, incapaz de lhe proporcionar nem a mais pálida alegria. Quem sabe se esses homens não seriam, para ela, o xis que completa a equação da insatisfação materna¹.

Outro caso é o de uma mulher também em torno dos trinta anos. Uma profissional bem-sucedida, bonita; que, porém, não conseguia estabelecer relação duradoura com os homens. Tinha sido casada por pouco tempo. Du-

¹ Quanto a isso, cabe observar, ainda, que não existe papel mais assustador para um filho do que esse lugar de complemento perfeito.

rante o casamento, sentia-se “o homem da casa” e, insatisfeita, tinha um amante, embora se atormentasse e se culpasse por isso. Terminado o casamento, ela passou a ter relações, porém breves, com vários homens. Na análise, percebeu que aquilo que ela julgava, a princípio, como dificuldade dos homens em assumir compromissos era, na realidade, a dificuldade dela em se comprometer, enfim, em reconhecer que precisava dos homens. Numa recente reportagem da revista *Veja* (2004), acerca do porquê as mulheres traem, consta que o principal motivo é a insatisfação com o marido – o não se sentirem amadas, desejadas. Minha paciente, no entanto, não se sentia não-amada, nem não-desejada, mas percebia que não desejava mais o marido. Ao longo de sua análise, conseguiu aos poucos reconhecer que certo tipo de homem a fazia desejar e querer manter a relação: quando esse homem, na cama, a dominava, a possuía de forma violenta, aí ela se sentia mulher.

A respeito da história desta mulher, convém lembrar que ela sempre ouvira da mãe conselhos para que estudasse, tivesse uma profissão, de modo a não ter jamais que depender de um homem. Sua mãe – repetindo a história da avó –, após a separação, quando fora traída pelo marido, nunca mais teve outro homem. Tampouco teve outras relações de amizade. Fechou-se em seu mundo, que se restringia ao trabalho e à família.

Minha paciente, porém, tentava conservar a relação com o pai, a despeito das mágoas maternas. Seu pai, também, bem-sucedido profissionalmente, convivia com outras pessoas, tinha mais amigos, apresentando a ela uma possibilidade distinta daquela que o imperativo materno lhe apontava.

Penso que esse caso ilustra o que podemos chamar de impasse feminino, hoje, que reduplica o impasse de toda mulher em nossa sociedade, qual seja, o de se fazer por si mesma, o de não poder depender de um homem – herança do ideal feminista – ao mesmo tempo em que também deseja estabelecer uma relação na qual o homem ocupe um lugar especial. Na cultura do individualismo, ser autônomo é prescindir de qualquer outro. Ser dependente significa estar submetido a outro. Ora, a autonomia não se pode fazer mediante a exclusão do outro. Ao contrário, o outro é condição indispensável para o reconhecimento do sujeito como ser autônomo. Do mesmo modo, dependência não implica necessariamente submissão, mas, sim, reciprocidade, a qual é justamente a condição de todo laço social possível.

O que as mulheres costumam falar, a respeito da reserva dos homens quanto a assumir compromissos, parece ser, na realidade, muito mais a dificuldade decorrente de elas próprias se comprometerem e dependerem dos homens. O reconhecimento dessa dependência significaria uma ameaça ao que as sustenta como sujeitos, visto acreditarem que ser mulher equivale a

ser autônoma, e ser autônoma parece significar "não depender de ninguém". O "não se comprometer", em seu sentido mais profundo, é não ter que se haver com a própria incompletude, é tentar escondê-la de si mesmas, ao sustentarem a ilusão de que se bastam. Essa parece ser a cilada, porque acreditam que ser autônoma é ser auto-suficiente, negam portanto a sua incompletude. Em consonância com o ideal social de autonomia, que opõe, portanto, autonomia e dependência, acreditam que ser autônomo é prescindir da dependência em relação ao outro. Quando, justamente, o que nos faz ser sujeitos é a alteridade, a dependência dos laços sociais, das relações que nos constituem reciprocamente.

De formas diferentes, acredito que, em ambos os casos clínicos, se trate de uma questão similar: o caráter insuportável, para essas mulheres, de sua incompletude, vivida como desamparo. No primeiro caso, ela esperava que os homens – como uma droga – a livrassem do seu desamparo e lhe permitissem manter consistência psíquica, tal era a ameaça, para ela, de aniquilação subjetiva nos momentos em que se deparava com sua fragilidade. No segundo caso, ela também se defendia de ter que se haver com sua incompletude, na ilusão de se autobastar, nem que para isso o preço a pagar fosse o de não conseguir manter relação com os homens, por não poder reconhecer que precisava, que dependia deles. Reconhecer essa dependência era fazer ruir a ilusão de se bastar; enfim, era uma ameaça à sua condição feminina, na medida em que acreditava que ser mulher era justamente não depender dos homens e, mais, ser sujeito era efetivamente não precisar de ninguém. Essa sua "auto-suficiência" colocava os homens em situação complicada. Eles se sentiam descartáveis, e, logo, insuficientes diante dela. Não é raro vermos o quanto é comum os homens se sentirem inseguros quanto a sua masculinidade, quanto a sua potência, quanto ao seu valor fálico diante de mulheres tão "completas", tão auto-suficientes. Muitas vezes, apesar de as desejarem, inibem-se, tornando-se impotentes. Para seu desespero, no momento do ato sexual, não conseguem ter ereção, embora, muitas vezes, se masturbem fantasiando transar com elas. É sabido que a idealização por parte do homem em relação a uma mulher faz com que ele, muitas vezes, se iniba diante da concretização da sua fantasia e, dessa forma, a realização do ato sexual com essa mulher tão desejada pode levá-lo a uma inibição, induzindo-o, então, justamente a "brochar na hora agá".

A meu ver, trata-se de dois lados da mesma questão. Ambas as pacientes, de modos, porém, distintos, não queriam saber da própria incompletude e tentavam negá-la a todo custo, o que as colocava numa situação complexa: queriam a relação, mas, ao mesmo tempo, a inviabilizavam. Elas pediam ao

homem uma missão impossível. Tanto ao querer que ele desse conta do desamparo delas, que o suprimissem (o que é da ordem do irrealizável), quanto ao esperar que eles quisessem um compromisso, quando elas mesmas não o queriam - embora geralmente ignorem esse fato. A clássica questão envolvendo “o que quer uma mulher?” torna-se ainda mais problemática para o homem, quando a mulher parece nada querer, uma vez que é justamente o gozo, a satisfação sexual feminina, que dá mostras de sua potência, de sua virilidade.

Vemos, então, o quão complicado é o lugar que essas mulheres reservavam aos homens. Nesta frágil gangorra, ou ele ficava no lugar do tudo, ou do nada, o que, como sabemos, resultava no mesmo, ou seja, na anulação da falta e, conseqüentemente, na impossibilidade do desejo.

Assim, penso que é só na medida em que a mulher possa se haver com o que tanto não quer saber de si mesma, ou seja, com a sua incompletude, que ela poderá efetivamente ter uma relação na qual se veja reconhecida como mulher, mulher desejante. Pois é justamente este intervalo grande, que não é o tudo nem o nada, que possibilita o espaço para que as trocas se dêem. Enfim, para que o desejo possa emergir.

REFERÊNCIAS

- PINHEIRO, Daniela. *Infidelidade*. VEJA, 13 de outubro de 2004.
KEHL, Maria Rita. *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

O CASO DE UM NÃO TÃO JOVEM HOMOSSEXUAL

Elaine Starosta Foguel¹

RESUMO

Este escrito busca descrever as operações de linguagem que estão em jogo na homossexualidade masculina, a partir de um fragmento de sessão de psicanálise. Por um lado, o trabalho considera os desenvolvimentos de Lacan sobre o complexo de Édipo e as operações de falta (frustração, privação e castração) como está no seminário de 1958; por outro lado, considera a divisão do eu e a operação de desmentido em Freud, descritos no artigo de 1938. O presente artigo defende que a homossexualidade masculina é sobredeterminada pela não-privação do gozo materno, e pelo desmentido da castração.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade masculina, privação, desmentido.

THE CASE OF A NOT SO YOUNG HOMOSSEXUAL

ABSTRACT

This article describes the psychoanalytical structures concerning male homosexuality, based on a fragment of a psychoanalytical session. The article is based both on Lacan's developments on Oedipus Complex and the operations of frustration, deprivation and castration as he describes in his Seminar in 1958; and on the article considering the splitting of the ego and the disavowal operation as Freud proposes in his work of 1938. The present work claims that male homosexuality is over-determined by a lack of deprivation in the maternal lust (genuß), and by the disavowal of castration.

KEYWORDS: male homosexuality, deprivation, disavowal.

¹ Psicanalista; Pós-Graduada em Clínica da Dor; Mestranda em Filosofia da Ciência (UFBA); Coordenadora do Serviço de Psicanálise da Clínica da Dor do HC da UFBA. Salvador, Bahia. E-mail: elainef2001@hotmail.com

I

A questão da homossexualidade já esteve circunscrita em relação a sua estrutura. Em 1905, Freud a descreve no primeiro capítulo dos Três ensaios sobre a *teoria da sexualidade*, sob o título de uma aberração por desvio de inversão do objeto sexual. Porém, o crescimento da identificação e da prática homossexual desde então nos coloca em posição de muita cautela no debate dessa estrutura, sendo que a parte realmente problemática dessa categorização é o significante “aberração”. Toda homossexualidade é uma aberração?

Quanto à inversão mencionada por Freud, esta se dá no objeto da pulsão sexual, em relação ao complexo de Édipo, e mesmo considerando-se a natureza da procriação; esta escolha invertida não segue nem o padrão edípico heterossexual, nem tão pouco a necessidade biológica, levando Freud (1921/1996) a se referir a “complexo de Édipo invertido” quando fala da homossexualidade na *Psicologia das massas e Análise do eu*.

A *Classificação internacional das doenças* CID-10 deliberou que sob o código F66 estão agrupados “os transtornos psicológicos e de comportamento associados ao desenvolvimento e orientações sexuais”, com a seguinte nota: “a orientação sexual por si só não é para ser considerada como um transtorno”.

No âmbito dessa lógica, todos estão transtornados, ou pelo menos aquele que assim o declarar: hetero, homo ou bi. Também pode ser que algum esteja transtornado, ou que nem todos, ou mesmo nenhum. O código F66 não considera a estrutura de linguagem subjacente ao homossexualismo, nem tampouco pretende avaliar as questões da função fálica que se encontram em jogo.

É fato que a retirada do homossexualismo da lista das psicopatologias teve importante efeito nas políticas sociais e de estado relativas ao assunto, em várias partes do Ocidente. Porém, também é verdade que essa expulsão deixou de fora da contemplação da medicina as questões de estrutura que nos interessam pensar na articulação da lógica específica dessa forma de sexuação.

Henri Ey (1985), psiquiatra da geração de Lacan, no seu *Manual de psiquiatria*, cuja primeira edição data de 1960, descreve a homossexualidade no capítulo das perversões por anomalia na escolha de objeto, juntamente com onanismo, pedofilia, gerontofilia, incesto, zoofilia, fetichismo, necrofilia, vampirismo, travestismo, transexualismo, etc.

Afirma que a homossexualidade pode ocorrer na posição perversa, na posição neurótica e na posição psicótica. Observa que enquanto o primeiro

grupo não solicita ajuda psiquiátrica, no segundo a homossexualidade é mal tolerada pelo eu, origina culpa e angústia intensas, e nele estão os sujeitos que procuram algum tratamento. Diz que “muitos homossexuais se mantêm em posição de compromisso entre a estrutura perversa e a estrutura neurótica, mais próximos de uma ou de outra, alternando as passagens de uma a outra, e sua situação psicológica pode naturalmente evoluir durante sua vida, com ou sem auxílio terapêutico” (Ey, 1985, p. 386). Por último descreve, no terceiro grupo, o papel na homossexualidade latente na paranóia, e aí provavelmente o foco do tratamento psiquiátrico recai mais sobre a psicose do que sobre as questões da identificação sexual.

É de especial interesse essa formação de compromisso entre a neurose e a perversão descrita pelo psiquiatra. Há correspondência dessa descrição nas estruturas freudianas?

II

Freud descreve a identidade sexual num tempo precoce da dinâmica edípica. Em 1910, no seu ensaio sobre Leonardo da Vinci, ele faz uma construção dos gozos envolvidos entre o menino de berço e sua mãe, abandonados pelo pai de da Vinci. Essa construção mostra a origem da homossexualidade do artista, e sugere uma interpretação do sorriso misterioso das mulheres na sua pintura.

Pode também ser tomada como uma lógica referente a casos clínicos se dela conservarmos os seguintes traços mínimos: 1 – mãe que usufrui do filho um gozo deslocado e indevido (gozo que extravasa os papéis sócio-familiares próprios da relação entre mãe e filho prescritos pela cultura); 2 – ausência ou fracasso do pai em interditar tal vínculo; 3 – o gozo não interditado produz efeitos de fixação eróticos na relação da criança com a mãe, em que a criança não consegue sair da posição de ser o falo imaginário de sua mãe. Esse seria um primeiro tempo, condição necessária, mas não suficiente, para a estrutura do homossexualismo masculino, como veremos.

Antes de ir adiante, temos que observar que outros tipos de gozo também advindos da não-privação da mãe pelo pai imaginário, e que não necessariamente envolvem o uso do corpo através de carícias e/ou surras absurdas, são os relatos de humilhação com palavras ofensivas e pragas que mães proferem a seus filhos, e o pior, as confidências e as queixas feitas aos filhos, com detalhes íntimos da vida sexual de uma mulher que se julga vítima de um fulano ordinário, fraco, mulherengo, impotente, insignificante, perdulário, alcoólatra, sovina, que lhe transmite doenças venéreas, e que vem a ser o pai da criança, e com o qual ela continua a dividir o leito nupcial a portas fechadas.

Ouvimos por vezes esses relatos em pacientes “transtornados” do tipo F66 X0, sendo X0 o código para heterossexualidade: jovens histéricas, rapazes fóbicos, carimbados com o diagnóstico médico de síndrome do pânico e mais recentemente com a dobradinha fibromialgia/depressão. Então, nem todos os que são submetidos à ferocidade amorosa ou raivosa da mãe desenvolvem identidade homossexual, e nem todos os homossexuais masculinos têm com suas mães uma história de idílio amoroso.

No entanto, no desenvolvimento homossexual masculino, o menino fica fixado num gozo pulsional com sua mãe, sem ignorar sua filiação ao pai. Afinal, a mãe dita a lei porque ou o pai é demasiadamente fraco para isso, ou demasiadamente cruel, ou a ama demasiadamente. Ora, a mãe goza demasiadamente, e o filho também sucumbe demasiadamente ao gozo que aprendeu a usufruir. Freud diz que o eu da criança se encontra sob o influxo de uma exigência pulsional poderosa, que tem o costume de satisfazer. Aí se situa o momento decisivo, que é a operação necessária determinante da homossexualidade masculina: por um lado, é “um perigo real intolerável” ir adiante nesse gozo e, ao mesmo tempo, é intolerável renunciar a ele (Freud, 1938/1996).

Diante da situação insuportável, as seguintes operações de defesa do eu se sucedem:

1) o menino se identifica com a posição sexuada da mãe para não perder seu vínculo amoroso e continuar gozando no lugar de falo imaginário; assim não se proíbe de nada;

2) nessa posição identificatória, o menino desmente a realidade da castração imposta pela lei da proibição do incesto, o que nos faz pensar que a *Verleugnen* ocorre sobre uma percepção que o juízo de existência já havia registrado e que deve ser recusada;

3) ao mesmo tempo, o menino sabe que há uma lei à qual deveria se submeter para ser amado pelo pai; houve o registro do complexo de castração e por isso não é uma psicose; frente à lei, ele se angustia, sente culpa e produz sintomas neuróticos;

4) é uma situação de dor: diante do impossível, o eu, para defender-se, sofre uma divisão.

Citando Freud:

“Mas, como se sabe, só a morte é grátis. O resultado foi alcançado às expensas de uma fenda no eu que nunca será reparada; mas ficará maior com o tempo. As duas reações contrapostas frente ao conflito subsistirão como núcleo de uma divisão do eu” (1938, p.309).

Então, desta forma, a condição *sine qua non* que determina a homossexualidade masculina é a operação de desmentido, com conseqüente divisão do eu.

Podemos retomar o que a observação clínica de Henry Ey (1985) apontava: de um lado, há um gozo que não foi cortado pela privação; paralelamente, há uma situação em que a metáfora do nome do pai fez sua inscrição, algo foi submetido à função fálica. O que temos que assinalar é que entre essas duas faces, ao contrário do que sugere o psiquiatra francês, não há formação de compromisso, pois não se produz uma metáfora única que atenda ao mesmo tempo a duas tendências, como no sintoma neurótico decorrente da operação de recalque. Há um paralelismo de forças que se distribuem entre os dois pólos e que se configuram de forma singular para cada sujeito, sendo essa impossibilidade de síntese o efeito principal da divisão do eu.

III

Fragmento de uma sessão

“É sempre uma coisa de insatisfação que se repete. A gente tem um carinho, a gente se diverte, jantamos, saímos, eu dou muita risada com ele, o sexo é bom, ele é carinhoso, mas quando termina eu me pergunto se é isso mesmo, e vem a sensação que falta alguma coisa. E nos outros relacionamentos eu também sentia essa insatisfação, é ruim, falta alguma coisa, e o pensamento, será que é isso mesmo? Quando ele viaja a trabalho eu não sinto falta dele. Mas me masturbo várias vezes.

[Analista fala: ... as fantasias dessa masturbação...]

É difícil falar (um silêncio). Mas eu vou tentar. Na masturbação eu sou mais um objeto. Eu sirvo a vários homens ao mesmo tempo, eu transo com vários homens, e eles fazem o que querem comigo. É um pouco como na sauna, onde eu me permito transar com desconhecidos e eu já transei com dois ou até com três ao mesmo tempo. Eu tanto penetro como sou penetrado, e aí eu sou um objeto, não conheço esse caras, às vezes nem sei o nome. É totalmente diferente da transa com meu namorado.

[Analista diz: Aí falta alguma coisa...]

É verdade, falta eu ser objeto. Com os namorados eu sou sujeito.

[Analista interrompe a sessão].”

IV

No seminário de Lacan *As formações do inconsciente*, na aula de 29 de janeiro de 1958, temos o seguinte: “Eu tento, nesta espécie de fulminação psicanalítica, de vos dar uma letra que não se obscureça, isto é, de distinguir através de conceitos, os diferentes níveis do que se trata no Complexo de Castração” (Lacan, 1958/1982, p.205).

A expressão “uma letra que não obscureça” tem dupla referência na formalização que Lacan empreende: de um lado, ele toca na questão da estrutura do complexo de castração que é formalizada através do grafo do desejo e do quadro das operações de falta; ao mesmo tempo, isto o leva a escrever o falo simbólico, através do fi maiúsculo (Φ).

O complexo de castração que Lacan descreve no seu acesso de “fulminação psicanalítica”, (talvez porque quisesse fulminar as explicações da biologia e da antropologia cultural), é um desenvolvimento lógico que começa em torno da posição do *infans* de ser o falo imaginário ϕ (fi minúsculo), de ser o único objeto do amor materno, posição essa que deverá passar pelas operações de falta, frustração, privação, castração, para que o menino aceda à identificação com o sexo do pai. Ao final, o menino terá que abdicar do lugar de falo imaginário interdito pela lei, e ganhará do pai o direito de ter um falo no devido tempo. É a famosa metáfora das notas promissórias, que o pai entrega ao filho para que ele as desconte no tempo certo, desde que abandone o amor da mãe. A questão gira em torno do amor...

Com a formalização lacaniana das operações de falta e com a consideração da função paterna nos três registros, imaginário, real e simbólico, podemos acrescentar que o desmentido teorizado por Freud, diferentemente do recalque, não provém de uma operação de falta; mais exatamente, o desmentido tenta driblar a privação. Vejamos: Lacan afirma que apontar a inversão do Édipo é insuficiente para estabelecermos o que está em jogo no homossexualismo masculino; temos que escutar, em cada um desses casos, em que ponto o Édipo conclui-se. Na saída do Édipo, vai finalmente aparecer quem detém o poder do amor. Ou o menino permanece identificado ao falo imaginário da mãe, ou se submete, por amor ao pai, à castração simbólica do pai real, operação que o levará à identificação com a posição masculina. Nesse sentido, Lacan corrobora a teoria freudiana da identificação como sendo a primeira forma do laço de amor e, ao propor que “[...] a homossexualidade masculina [...] é uma inversão quanto ao objeto, que se estrutura no nível de um Édipo pleno e acabado” (Lacan, 1958/1982, p. 214), dá vez à hipótese de que, em alguma parte do eu dividido, o significante falo opera, de forma singular para cada um.

Ele esclarece também que o homossexual, ao buscar em seu parceiro o órgão peniano, mais além da procura da reprodução do gozo na posição de falo imaginário, quer certificar-se se, na verdade, o pai tem ou não tem, já que isso era questionado pela mãe, que não se deixou privar em relação a seu “adjeto”.

Então, insiste em advertir aos analistas que conduzam as sessões de modo a que o pai possa entrar na fala do analisante; previne ainda para que o

analista não se deixe engambelar pela idéia de que a relação profunda, complexa e insistente do homossexual com sua mãe seja a evidência de uma estrutura dual. Ele declara: “A situação só tem importância pela relação com o pai” (Lacan, 1958, p. 219).

Por ocasião de um convite para outro emprego, que representava reconhecimento profissional e salário mais alto, o analisante disse: “Acho que meu pai se orgulharia de mim”, o que foi a primeira manifestação carinhosa feita ao pai na análise, e talvez na vida dele. A analista diz, “É verdade”. Seguiu-se o silêncio e uma questão vinda da analista: “Isso seria importante para você?”. E a resposta: “Eu acho que no fundo eu amava meu pai”.

A economia do gozo nessas estruturas se dá a partir da sobreposição dos triângulos imaginário e simbólico do grafo do desejo. O falo simbólico não se distingue do falo imaginário no exercício dessa sexualidade, e faz o sujeito buscar um gozo que tende ao infinito, sem o limite que proporcionaria um tempo de satisfação. Isso fica patente na questão do analisante: “será que é isso mesmo?” No relato acima ouvimos uma sucessão sem corte entre as fantasias masturbatórias relatadas e a prática sexual que se dá como atuação do fantasma. Esse *continuum* entre imagem e ato também remete à estrutura em que fi minúsculo, enquanto posição de gozo, e fi maiúsculo, enquanto barra ao gozo, não estão distintos no que tange a seus registros imaginário e simbólico, respectivamente, provocando passagens ao ato.

A questão diagnóstica, aqui representada pela posição de Henry Ey (1985), fica, na psicanálise, subordinada à transferência e à possibilidade da construção do fantasma no tratamento. No caso em questão, a lógica do gozo era a do tudo e do todo: ele podia saber tudo do sexo, transar com vários, conhecer todas as boates, todos os *points gays*, freqüentar todas as saunas de todos os lugares no Brasil e no exterior para os quais viaja, todos os quartos escuros, enfim, o domínio do gozo do A (GA), nas suas dimensões real e imaginária, que o empurra a atuar suas imaginarizações. Essas ações tanto buscam conservar o lugar de falo imaginário da mãe (isto é, *ser* o falo e *ter* o gozo) quanto tentam encontrar o limite que a castração proporciona. A busca pelo pênis confunde-se com a busca pelo falo paterno, e se reveste do sofrimento de um imperativo de gozo, que leva à ação, à insatisfação, e à culpa.

Relatos de diferentes analisantes homossexuais indicam que o encontro sexual é procurado a partir da compulsão de gozo, que é descrita pelos mesmos das seguintes formas: “Com angústia, uma ânsia, um impulso, um impulso irresistível, uma vontade independente, uma fantasia de encontrar alguém no *shopping* e ir para o motel e voltar para o *shopping*, uma vontade externa a mim, impulso de olhar, mania de ver se todos os homens são boni-

tos ou se têm algo de bonito, necessidade de olhar todos os homens e comparar comigo”. Anonimato, ação deflagrada pelo olhar, atuação, sofrimento.

Tal economia de gozo é como se fosse uma “metonímia ao contrário”: a busca do todo pela parte, e, na impossibilidade desse encontro, nova defesa do desmentido, e o relançamento da atuação.

No decorrer do tratamento, vemos que a construção do fantasma, além de operar modificações nos sintomas da neurose de transferência (no caso, fobias, cefaléias) e nas inibições, também tem efeito sobre as atuações, que tendem a se espaçar. A sexualidade pode ser exercida na circunscrição do gozo no âmbito de um único relacionamento, com um namorado, um companheiro, sem que o sujeito tenha que obedecer totalmente a uma “cena”, e sem ter que apelar de forma tão compulsiva para o anonimato, para a promiscuidade, numa espécie de sexualidade marginal e sem amor que lhe traz grande mal-estar.

Outra fala do mesmo tratamento finaliza este escrito: “Pensei que ele está chegando, e que nós vamos ficar os dois nus debaixo do cobertor e eu achei isso muito bom e excitante. Será que eu tenho medo de perder?”.

REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID 10*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

EY, Henry. *Manual de psiquiatria*. São Paulo: Masson, 1985.

FREUD, Sigmund. Tres ensayos para una teoria sexual (1905). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução de José Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. 7.

_____. Um recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. (1910) In: _____. _____. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v 11.

_____. Psicología de las masas y analisis del yo. (1921). In: _____. _____. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. 18.

_____. Escision del yo en el proceso de defensa (1938). In: _____. _____. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. 23.

LACAN, Jacques. *As formações do inconsciente*. (1958) Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

TRAVESTA

Andrea Menezes Masagão¹

RESUMO

A psicanálise questiona o primado da anatomia, colocando em xeque noções tão elementares como o ser homem ou ser mulher... A incerteza quanto ao próprio sexo é denunciada de forma contundente pela histérica, que não cessa de interrogar o que vem a ser próprio do feminino. A psicose, por sua vez, nos revela uma perturbadora certeza. A certeza quanto ao sexo. Schereber, em suas memórias, nos oferece impressionante testemunho dessa certeza que carrega a marca do delírio. Assim como Schereber, Orlando também carrega a certeza quanto a seu sexo, ele é a mulher com pênis. As semelhanças com Schereber não param por aí, pois, para Orlando, a escrita e a relação privilegiada com Deus ocupam lugar de destaque na construção delirante a que ele se entrega no decorrer de sua análise. Orlando se utiliza desses elementos para ter acesso a um sexo único, um sexo ideal, em que a diferença sexual seria apagada, e o gozo que escapa à ordem fálica teria lugar privilegiado.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, psicose, escrita.

“TRAVESTA” ABSTRACT

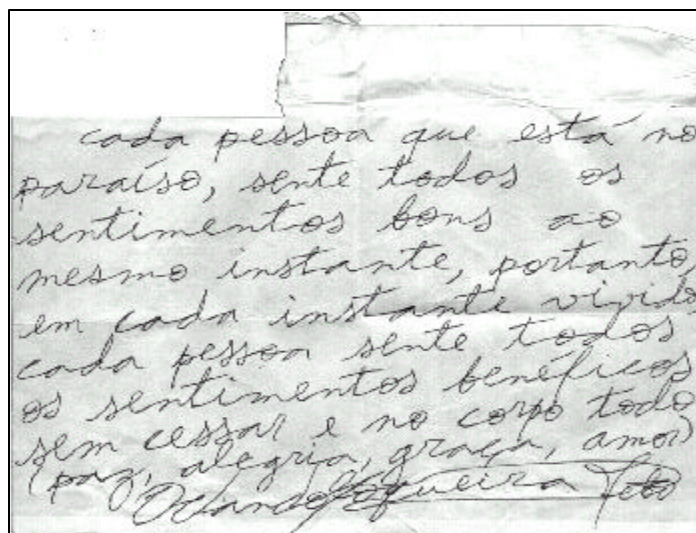
Psychoanalysis will dispute the primacy of anatomy, questioning very elementary concepts, such as the male being and the female being. The uncertainty about one's own gender is incisively shown by the hysteric who ceaselessly asks what is characteristic of a female. Psychosis in turn reveals a disturbing certainty - the certainty of the gender. In his memoirs Schereber offers us an impressive testimony of such certainty that bears the sign of delirium. Just like Schereber, Orlando also carries a certainty in regard to his gender – he is the woman with penis. There are still other similarities with Schereber. For Orlando, writing and his privileged position in regard to God occupy an outstanding position in the delirious construction he puts himself into during his analysis process. Orlando makes use of these elements to have access to a single gender, an ideal gender where there would not be a sexual difference and where delight – which escapes the phallic order - would have a privileged position.

KEYWORDS: psychoanalysis, psychosis, writing.

¹ Psicanalista; Doutoranda em Psicologia Clínica pela USP. E-mail: andreamasagao@uol.com.br

Orlando inicia sua análise relatando um encontro enigmático: “Quando eu tinha 18 anos fui para Brasília consultar um psiquiatra. Uma tarde estava sentado em um banco próximo a uma igreja, quando senti uma felicidade, uma paz e um prazer muito intensos. Era um Ser bom dentro de mim. Haviam muitas velas no chão e pensei que era um velório, que alguém tinha morrido. Então pensei que isto só acontecia aos mortos.”

Alguns anos mais tarde ele passa do registro da experiência corporal para o registro da escrita. Trata-se de um pensamento nomeado *Paraíso*, cuja primeira versão é entregue à analista:



O pensamento sobre o paraíso inaugura uma extensa produção escrita que dá origem a um livro: *Ciência, religião cristã e felicidade*, cujas páginas se perdem. A escrita é uma atividade à qual se dedica intensamente, junto com a leitura da escritura sagrada, seu livro de cabeceira. Ele não se cansa de escrever, assim como não se cansa de ler um único livro... O suporte de sua escrita consiste do papel retirado dos maços de cigarro que consome diariamente. Trechos da escritura sagrada se misturam aos pensamentos de Orlando e são entregues aos passantes anônimos, que circulam pelas estações de metrô, pontos de ônibus e calçadas da cidade. “Sua escrita conjuga em um mesmo ato o encontro de dois absolutos que produzem as margens civilizatórias; os restos/dejetos anônimos dos quais o discurso da civilização

se desfaz e o sublime sem falhas do texto da escritura sagrada” (Costa, 2001, p.150).

Na análise, Orlando conclui que seu pensamento sobre o paraíso aponta para uma sabedoria que não encontra lugar no texto da escritura sagrada. “Na bíblia só está descrito o paraíso do Éden e não o paraíso que me foi revelado”. A exclusão da referência ao paraíso que lhe foi revelado é o resultado de uma interdição realizada pelo apóstolo Paulo. Ele encontra na própria Bíblia a letra dessa proibição:

“Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado até o terceiro céu...Foi arrebatado ao paraíso e lá ouviu palavras inefáveis, que não é permitido a um homem repetir”(II Coríntios 11. 12. V. 2).

Orlando toma para si a difícil missão de transmitir em palavras o inefável. Assim ele o faz divulgando sua mensagem divina ao bancar o carteiro pelas ruas da cidade. Sua escrita tende a se dissipar no mundo, assim como o corpo de seu criador, que tende à dispersão, ao despedaçamento e, por isso, à tentativa sempre renovada de buscar representar um corpo manipulando as letras e fazendo-as percorrer o espaço público.

No entanto, o que era dispersão vai aos poucos encontrando um endereçamento. A analista vai sendo tomada, enquanto depositária privilegiada, dessa escrita que agora não está mais destinada somente a pessoas anônimas. Ao encontrar na analista um rosto conhecido, um corpo que permanece e não se desvanece na dispersão dos corpos anônimos, Orlando encontra o endereçamento possível. A posição em que a analista é colocada tem efeitos sobre sua produção escrita. Em momento anterior à análise, Orlando encontrava-se submetido a uma série de imperativos aos quais se via compelido a obedecer. Foi assim que se manteve durante alguns anos em abstinência sexual, seguindo à risca a letra do apóstolo Paulo. Foi assim também que distribuiu durante anos sua escrita-pensamento, vagando compulsivamente pela cidade e deixando atrás de si um rastro de tinta e papel de cigarro.

Escrita desgarrada, que não encontrava ponto de parada. Nas suas palavras, a religião se tornou uma tara e, para pôr fim a essa repetição infinita, Orlando interrompe definitivamente sua escrita. Permanece então em silêncio por três longos anos. E este só é quebrado quando Orlando inicia um primeiro processo de análise, durante o qual escreve seu livro. No entanto, este é interrompido quando ele é internado em meio a uma viagem para Porto Seguro. Enfim, ele não consegue alcançar o porto seguro almejado e permanece confinado em uma instituição psiquiátrica por seis meses.

O segundo momento coincide com a entrada de Orlando em novo processo de análise, em que toda a sua produção escrita passa pela análise e

adquire caráter diferente da anterior marca da compulsão. Trata-se de uma escrita que faz suporte para o registro do corpo. Uma possibilidade de representação corporal. A escrita se revela o espaço privilegiado para a representação do corpo. Segundo Costa (2003), escrever é uma forma de apagar, de construir um traço onde estava um corpo. O apagamento é condição para que a representação possa ter lugar. Lacan (*Seminário XIX*, publicação interna do Centro de Estudos Psicanalíticos de Recife, 2004) parte de um jogo de palavras, *La trace d'un pas*, para abordar os diversos apagamentos através dos quais o significante vem à luz.

Quando Robinson Crusoe se depara com uma pegada marcada na areia, sabe que não está sozinho na ilha. O *pas* da expressão francesa aponta tanto para a pas(sada) quanto para a partícula de negação (*pas*). O passo que é dado pela inscrição do traço enquanto condição do significante é justamente o passo da negação, do apagamento. O significante se diferencia do signo, pois este representa alguma coisa para alguém, enquanto o significante representa o sujeito para outro significante. O significante implica que a relação do signo com a coisa seja apagada, pois o significante não significa nada, ele é pura diferença.

A própria letra resulta de um apagamento. Em algumas escritas, o hibridismo da letra, misto de letra e desenho, é mais presente do que em outras, como nos exemplos dos ideogramas comparados a nossa escrita alfabética. No entanto, é sempre necessário o esvaziamento do valor da imagem para que a letra seja legível, seja posta em função significante, da mesma maneira que é necessário o esvaziamento do gozo do corpo para que ele seja representado. Segundo Costa (2003), a escrita pode funcionar então como suporte corporal em que é duplicado no papel o registro corporal, o recorte corporal. No entanto, a escrita também carrega traços corporais, como o ritmo, a voz, o olhar. Precipitados pulsionais que remetem ao hibridismo da letra e à incidência dos objetos da pulsão na língua. No apagamento, o gozo corporal é perdido, substituído, para que seja possível outro tipo de gozo. Manipular as letras no lugar de manipular o corpo.

Podemos marcar um primeiro tempo da lógica da construção delirante de Orlando. Trata-se de um movimento que está presente nos diferentes tempos de sua análise; no primeiro momento, a tentativa de inscrever um furo. Essa se inicia a partir da construção sobre o saber do paraíso. Como já vimos, Orlando nos diz que se trata de um saber inédito, que não está descrito nem mesmo na Bíblia. A escritura sagrada, que antes se apresentava como todo saber, um Outro que não podia ser questionado, apenas obedecido, apresenta agora a ausência de saber... No segundo momento, Orlando oblitera o

furo, ao ser designado por Deus como aquele que sabe sobre o paraíso. É ele quem detém esse saber que falta ao Outro...

Orlando começa a se interrogar sobre a mulher a partir de um pensamento escrito em resposta à letra do apóstolo Paulo:

Cosas erradas que o Paulo escreveu.

1 Coríntios 14:34

34 Que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, como se faz em todas as Igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Sei.

35 Se desejarem instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias. Eu respondo: não é proibido falar.

1 Coríntios 11:14

14 Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonroso para o homem ter cabelo comprido. Eu respondo: por que não se cortar?

1 Coríntios 11:9

9 E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criada para o homem. Eu respondo: a pessoa tem que ser livre.

1 Coríntios 11:3

3 Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, e o homem é a cabeça da mulher; e Deus é a cabeça de Cristo. Eu respondo: Deus é a cabeça da mulher também.

1 Timóteo 2:11-12

11 A mulher aprenda em silêncio, como toda a sujeição. 12 não permite, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Eu respondo: também não é proibido ensinar.

Esse pensamento, entregue como tantos outros à analista, revela a exclusão do sexo feminino de certa ordem encarnada aí pela religião cristã. Orlando começa então a elaborar uma série de questões que apontam justamente para esse lugar de exclusão revelado pelo feminino:

“Porque não existe uma papisa? Porque as mulheres não podem celebrar uma missa? Porque não existe uma Deusa? Porque as mulheres demoraram tanto para poder votar, para poder dirigir um carro?”

Orlando caminha nessa mesma direção ao enumerar as “injustiças da natureza” cometidas contra a mulher: “A mulher é mais fraca do que o homem, a mulher tem dor no parto, a mulher não tem pênis e por isso não sabe como é penetrar uma mulher...”. No entanto, ser mulher tem suas vantagens: “A mulher é fresca, a mulher é muito mais bonita do que o homem, a mulher tem os dois sexos, pois é lésbica e feminina ao mesmo tempo, a mulher tem mais prazer no sexo, pois não é escrava da vergonha como é o homem.”

Para Orlando, a mulher é signo da boa forma, da beleza... É justamente esse apelo à beleza do corpo feminino que vamos encontrar na narração da singular transformação que se iniciou em seu corpo. Orlando conta que estava sentado em uma praça quando viu passar uma bela mulher. Ela usava sandálias de salto e ele ficou encantado com a imagem perfeita de seus pés. Foi nesse instante que se deu conta de que seus próprios pés eram tão ou mais bonitos quanto os daquela mulher, que tanto o impressionara. Levantou-se e foi comprar para si uma bonita sandália de salto. A partir desse momento começou a utilizar adornos femininos, como brincos, esmalte, sandálias...

Mas não parou por aí. Começou a manter relações sexuais com mulheres, homens e travestis, e foi então que “topou ser bicha”. “Bicha” é a definição sexual que ele encontra para si neste momento. Nas suas palavras, ser bicha corresponde a ser uma mulher disfarçada de homem. Orlando observa que não há lei no sexo, o sexo é livre, sem regras para quem é bicha, para quem tem os dois sexos como ele. Ele acaba chegando à inevitável conclusão de que neste mundo ele é uma exceção, pois se posicionando enquanto bicha, ou seja, uma mulher disfarçada de homem, não encontra lugar na partilha dos sexos.

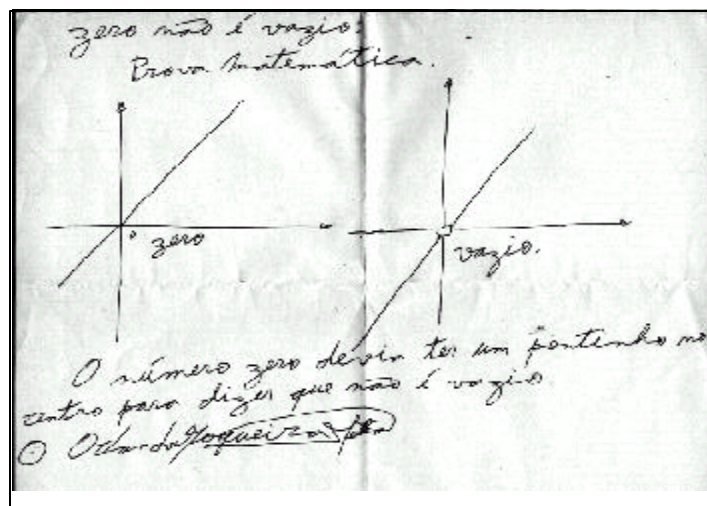
Orlando passa então a elaborar um mundo ideal onde ele seria a regra e todos seriam iguais a ele, um mundo composto apenas por mulheres e travestis. É em busca da imagem perfeita que ele parte ao formular para si uma realidade simétrica a seu eu, ou seja, uma realidade composta apenas por mulheres e travestis, já que ele próprio está passando por um processo de transformação em mulher. A beleza do corpo feminino fascina Orlando a ponto de capturá-lo nesta imagem ideal e fazer do mundo todo um reflexo dessa imagem perfeita. Seu corpo é capturado pela imagem de um corpo de mulher, mulher que, em suas palavras, se satisfaz ao contemplar seu reflexo no espelho.

Desse lugar privilegiado passa a ter acesso a um gozo solitário e autoerótico, através de um ritual ao qual se entrega quase que diariamente. Da

mesma maneira que a mulher encontra satisfação ao contemplar a imagem de seu próprio corpo, ele se excita consigo mesmo ao contemplar a imagem de seu corpo nu diante do espelho. Muitas vezes chega a se masturbar tomando como objeto erótico seus pés de mulher. O gozo a que Orlando tem acesso não encontra limite na lei da diferença sexual, escapa a ela ao mesmo tempo em que a anula, ao promover a existência de um sexo único, um sexo que contém em si mesmo ambos os sexos.

Novamente nos deparamos com uma falta inscrita na escritura sagrada, só que agora ela não se refere ao saber sobre o paraíso, mas ao saber da mulher. Segundo Orlando: “Na bíblia só existe o saber dos homens, não existe o saber da mulher.” Podemos constatar aqui a mesma lógica já abordada anteriormente: no primeiro momento, a construção delirante aponta para o furo, o vazio... No segundo momento, esse é preenchido. Trata-se aí de uma lógica própria ao delírio elaborado por Orlando, a qual se revela agora ao apontar para o lugar vazio no conjunto da linguagem, um furo na ordem simbólica. O vazio é encarnado pela mulher, e a ordem simbólica é encarnada pela escritura sagrada, ou pela ordem cristã enquanto lugar de código. Nesse sentido, a mulher se constitui como uma possibilidade privilegiada de marcar um furo no saber absoluto do Outro, no saber divino.

Mas essa tentativa de inscrição da falta no Outro é seguida por um segundo movimento no qual Orlando novamente se coloca no lugar do furo, ao se transformar em mulher. Podemos encontrar idêntico movimento no escrito *A prova matemática*. Esse é entregue à analista, algumas sessões após a entrega do pensamento sobre as coisas erradas que Paulo escreveu. Trata-se do seguinte:



Em associação a esse pensamento escrito, Orlando diz que todos os números possuem um significado, e então começa a recitá-los:

“O número 1 é um pênis, o número 2 uma mulher ajoelhada, o número 3 uma bunda, o número 5 uma mulher guerreira, o número 7 um homem castrado, o número 9 uma cobra e o número 10 um pênis murcho. O zero é zero mesmo.”

Seus dizeres parecem apontar para a existência de uma equivalência entre os números e o corpo, com exceção do número zero, que não remete a nada, a não ser a ele mesmo. Orlando marca o furo através da ausência de significado do número zero. Para todos os outros números ele encontra um correspondente no corpo, menos para o zero. Nesse sentido, tenta fazer correspondência entre o corpo e o número, promovendo a equivalência entre o corpo e a língua. No entanto, o número zero não encontra correspondente no corpo e, nesse sentido, aponta para um buraco nesse corpo, para um contorno que abre a possibilidade de esvaziamento do gozo excessivo. Mas o escrito sobre a prova matemática visa justamente a preencher esse buraco, ao propor que o zero não é vazio. Nesse sentido, o escrito parece tentar provar a existência de um significado também para o número zero.

O zero, com sua inicial ausência de significado, aponta para o vazio da mesma forma que a mulher aponta para um vazio na linguagem, assim como o paraíso marca um vazio na escritura sagrada. O movimento presente na construção delirante de Orlando revela uma lógica que gira em torno do gozo pleno e do esvaziamento do gozo, do excesso e do vazio...

Orlando passa por um momento delicado de sua análise, em que a analista, por ser depositária do segredo de sua ruptura com a religião cristã, é incluída no delírio como perseguidora. A partir daí Orlando inicia um curioso trabalho com as palavras. Esse se realiza a partir de dois movimentos, o primeiro consiste em apontar que as palavras possuem mais de uma significação, o que remete à possibilidade do deslizamento infinito da significação, mas, ao mesmo tempo, de forma paradoxal, aponta para a tentativa de colocar limite no Outro, de marcar a possibilidade de um furo no Outro, justamente através do descolamento entre a palavra e a coisa por ela nomeada. Ele inicia a sua constatação de que as palavras possuem mais de um significado através da oração *Ave Maria*. A *Ave Maria* dá a entender que Maria é uma “ave”, e por isso não se trata de uma reza pura, já que “ave” pode significar tanto “pássaro” como “salve”. A existência de mais de um significado para as palavras é interpretada por ele como defeito da língua, e ele passa então a apontar uma série de palavras defeituosas.

O segundo movimento consiste em corrigir o defeito da língua, pois as palavras não devem remeter à pluralidade de significações, mas a apenas a

uma. Orlando inicia a correção da língua feminilizando as palavras. Esse movimento de feminização das palavras tem início justamente pela palavra “cristão”. Orlando passa a dizer que não é mais “cristã”. A correção, que se iniciou pelo nome de Jesus, acaba se estendendo a seu próprio nome. Ele diz que o nome é uma convenção e que não tem nada a ver com a pessoa que o carrega, pois não foi ela quem o escolheu, foram seus pais. Ele chega à conclusão de que deveria existir uma lei através da qual as pessoas pudessem mudar de nome. Na sessão seguinte traz um pensamento assinado com seu nome no feminino. No decorrer das sessões, a feminização de seu nome dá lugar à escolha de outros nomes, tais como Deborah e Geni, dos quais se utiliza para assinar alguns pensamentos.

A escolha do nome está diretamente ligada ao fato de que Orlando acha que o nome que seus pais lhe deram está “mal empregado.” Ele tenta corrigir essa falha trocando de nome. Passa então a assinar seus pensamentos como “Travesta”. “Travesta” está presente em vários pensamentos e por algum tempo segue sendo o nome que Orlando inventa para se auto-nomear. “Travesta” é uma palavra inventada e está diretamente relacionada à questão trabalhada anteriormente por ele, a transformação de seu corpo em corpo feminino. Através da invenção desse nome ele muda seu nome, mas não é só o nome que está mal empregado, afinal o sexo também está errado. Segundo ele, Deus é o principal culpado pelas “injustiças da natureza” cometidas contra o sexo feminino. Inicia então uma longa lista dos erros de Deus:

“A mulher é mais fraca do que o homem, a mulher tem dor no parto, a mulher não tem pênis, a mulher não sabe como é penetrar outra mulher”.

A enumeração das “injustiças da natureza” cometidas contra a mulher dá lugar à enumeração dos “erros de Deus.” Segundo Orlando, a diferença sexual é racismo e deveria existir uma outra natureza na qual todos teriam rosto e corpo de mulher e... pênis! Assim todos seriam iguais. Para ele, a diferença entre os sexos é causadora de conflitos e incita à violência. Da mesma maneira que as palavras não devem possuir mais do que uma significação, o sexo deve ser único, pois a diferença sexual é causadora de conflitos. Todos devem possuir um corpo de mulher, mas uma mulher com pênis. Nesse sentido, Orlando corrige o defeito da língua feminizando as palavras, da mesma maneira que corrige o defeito do sexo, feminizando o corpo.

Orlando se depara, em determinado momento, com o vazio que constitui o ser falante, ao constatar que as palavras têm mais de um significado e que, por isso mesmo, jamais correspondem completamente à coisa que representam. O que ele faz? Ele vai corrigi-las transformando as palavras em signos. Ele pretende apagar a falta da mesma maneira que apaga a diferença

sexual ao preencher o corpo através da representação de um sexo único, que abarca em um só corpo a totalidade dos sexos. Orlando vai do vazio ao excesso, da falta à plenitude, em sua busca de representação corporal. No entanto é apenas a partir do momento em que encontra na análise um endereçamento possível que a escrita se faz suporte para o registro do corpo.

REFERÊNCIAS

COSTA, Ana. *Corpo e escrita*; relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Tatuagem e marcas corporais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. A escrita da clínica. Curso de extensão oferecido no COGEAE, 2003.

LACAN, Jaques. (1955-1956). *O seminário*, livro 3: as psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

_____. *O seminário*, livro 9: a identificação. Publicação interna do Centro de Estudos Psicanalíticos de Recife. Recife, 2004

MASAGÃO, Andrea. *Orifeu a mulher pênis*; a construção da significação sexual em um caso de psicose, 2000, 240 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.